

SAÚDE ESCOLAR E EDUCAÇÃO, de Gerson Zanetta de Lima. São Paulo, Cortez Editora, 1985.

João Pedro da FONSECA *

Relações entre Medicina e Pedagogia? União de profissionais da Saúde e da Educação? Médico na escola e educador no Centro de Saúde? Escola não é local de atividades exclusivamente pedagógicas e o Centro de Saúde área exclusiva de especialidades médicas?

Saúde escolar, em que consiste? Qual sua história, sua ideologia, seus rumos? O que a escola tem a ver com a saúde dos seus alunos, suas condições de vida, sua fome? Escola é restaurante, refeitório, consultório médico e/ou dentário? A merenda escolar é um entrave ao ensino, um desvio pedagógico? Qual o perfil do educador em saúde? Escola assistencial: descaracterização ou ajustamento?

A partir da abertura da escola a uma camada mais ampla da população, questões como estas invadiram os arraiais da pedagogia, suscitando as mais diversas reações, despertando polêmicas não raro apaixonadas. Cruzadas contra a merenda, alertas à "descaracterização e desvirtuamento" da escola, medo da invasão principalmente de médicos e dentistas, mas também de nutricionistas, assistentes sociais, agrônomos e outros profissionais estranhos ao campo estritamente pedagógico. "Corporativistas, uni-vos. Corporativistas unidos jamais serão vencidos. O pedagógico ameaçado! O social e o assistencial ameaçando. Tomar posições! Solução salomônica: fragmentemos a criança. A Secretaria da Educação fica com a aluna; a Secretaria da Promoção Social cuida da carente e a Secretaria da Saúde se responsabiliza pela doente. Cada especialista com sua especialidade: o educador educa; o assistente social assiste; o médico previne e cura. Bandeira branca".

A criança? É, mesmo. Será que o seu loteamento entre os vários órgãos da administração pública, resolve o seu problema? Por que não tentar um trabalho interprofissional e interdisciplinar, voltado para o atendimento integral da criança, escolar ou não? Que tal pensar um pouco mais no papel histórico da instituição escolar, reduzindo o desperdício, as altas taxas de evasão (aliás, expulsão) e repetência, tornando-a mais

* Professor Assistente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação. Faculdade de Educação. USP.

eficiente e eficaz e menos cronicamente fracassada? Por que não uma escola sem muros e sem o "trabalho em migalhas" de "especialistas" em educação e/ou saúde?

Foi com estes pontos de interrogação na cabeça que fiz a leitura do livro *Saúde Escolar e Educação*, de Gerson Zanetta de Lima, pediatra que um dia quis conhecer a criança escolar e desenvolver um programa de saúde em estabelecimento de ensino.

Deixemos que o próprio autor conte o desfecho de sua experiência: "Era o fim. A partir daí desistiríamos de trabalhar diretamente com as escolas. . . Depois de 5 anos de atividade continuávamos como estranhos na intimidade do ambiente escolar, dependentes da boa vontade de uma pessoa para a implementação dos programas. Não havia como negar. Nossa intenção de trabalhar junto às professoras e, num excesso de otimismo, junto às famílias, havia fracassado totalmente" (p. 17).

Depois do fracasso, a pergunta: Por quê? Qual a razão da indiferença por parte da escola? Por que eram raros os ouvintes interessados no que os pediatras tinham a declarar a respeito de seus alunos? Por que os médicos não puderam ser incorporados ao ambiente escolar?

Considerando que um trabalho de cinco anos não é em vão, o autor reconheceu a necessidade de uma crítica e aí nós temos a origem deste livro: primeiro, o relato de uma experiência, chamada "Projeto-Escola"; em seguida, um estudo crítico sobre a saúde escolar já que Gerson se questiona: "não foi o fato do programa ter sido um programa de saúde escolar uma das causas do seu fracasso?" (p. 19).

Na busca de explicações para o fracasso, o autor acabou privilegiando uma abordagem histórico-ideológica, fazendo principalmente um estudo dos discursos de higienistas.

Acredito que tenha faltado ênfase em alguns aspectos conceituais. Fica-se sabendo o que não é saúde escolar: não é execução de ações de atenção médica específica dentro das escolas. Mas, o que é?

Em artigo publicado recentemente, o autor pergunta: "o que seria um serviço de saúde escolar? Não temos respostas e soluções prontas, considerando que uma proposta mais concreta só surgirá da interação entre profissionais da Saúde e da Educação, visto que se trata de um novo modelo" (*Saúde Escolar e merenda: desvios do pedagógico? "In" Educação e Sociedade*, n.º 20, p. 17).

Embora adiante alguns pontos no referido artigo, no trabalho, objeto desta resenha, ele diz: "questiono o próprio significado de saúde escolar na sociedade brasileira" (p. 19) sem dizer, porém, qual é esse significado. Quando diz que "não há consenso, na literatura, a respeito da validade dos vários serviços de saúde escolar no mundo ocidental" (pp. 19-20), deveria dizer quais são esses vários serviços.

Estas observações, a respeito do que eu esperava encontrar e não encontrei, não diminuem, todavia, os méritos do livro, que são muitos e me fazem recomendá-lo aos que se interessam pelo tema.

A atualíssima questão da assistência escolar, da medicalização do fracasso escolar, a ausência do ensino de saúde nas escolas de Medicina e de Pedagogia, a abordagem político-ideológica da Saúde e da Educação, a síntese histórica da saúde escolar e da educação brasileira, o papel do Estado na promoção da saúde e educação: estes são alguns dos assuntos tratados por Gerson Zanetta.

Gostaria de destacar um aspecto que me chamou a atenção. Não é raro, em trabalhos sobre a ideologia de qualquer coisa, encontrarmos uma espécie de patrulhamento das personagens que pensaram ou atuaram em direção contrária à dos autores. Estabelece-se então um confronto entre a ideologia dos criticados — liberal, capitalista, mistificadora, paliativa, perpetuadora da dominação, etc. — e a dos críticos.

Fazendo um trabalho crítico, ideológico, apontando baterias contra as classes dominantes e o Estado, o autor preserva os higienistas cuja ideologia crítica. Apesar de longa, vale a pena fazer uma citação a respeito das ponderações do autor, com grifos meus: "Ao privilegiarmos o significado ideológico da saúde escolar como meio para compreender sua história quisemos por em relevo o uso que os higienistas fizeram dos seus objetos de discurso, uso este que nos remete à sua inserção em uma sociedade em transformação, *como homens de seu tempo*. Suas lutas, não olvidamos, resultaram em avanços institucionais significativos em vários campos que não foram pesquisados em detalhe... Não queremos dizer tampouco que alguns problemas que os preocuparam, como o mobiliário escolar e os problemas da coluna, por exemplo, não tenham importância médica... Neste sentido, também, *ao lutar com as ferramentas de que dispunham, foram homens de seu tempo*" (p. 149). Está aí um bom exemplo de que, além de criticar, é preciso também compreender e situar historicamente.

Com a leitura deste livro, incorporei importantes elementos às reflexões que venho fazendo sobre dois temas: a merenda escolar e a implantação da habilitação Educação em Saúde na Faculdade de Educação da USP. A respeito de ambos os assuntos, confesso que tenho ainda mais dúvidas do que certezas.

Não precisa, no entanto, ter interesses tão específicos para tirar proveito deste estudo. Seus temas são atuais e dizem respeito aos rumos da Educação e da Saúde em nosso país, ao futuro da escola e aos interesses maiores e menores que a envolvem. Os manifestos e os latentes. Os das crianças e os demais.